INovação e Conservação do Português Moderno nas Variedades Brasileira e Lusitana

Tomo II

Lisa Valéria Vieira Tôrres

Dezembro, 2013
### 5.3 Aspectos inovadores do português brasileiro

#### 5.3.1 Inovação na variedade brasileira (Pilar de Goiás)

#### 5.3.1.1 Aspectos fônicos

#### 5.3.1.2 A questão da supressão em /a/ inicial

#### 5.3.1.3 Apagamento de segmento da palavra: o fenômeno sândi

#### 5.3.2 Aspectos sintáticos

### CAPÍTULO 6 Português Europeu: uma língua com muitas vozes

#### 6.1 Conservação na variedade lusitana

#### 6.1.1 Aspectos fônicos

#### 6.1.1.1 o acento e suas propriedades fonológicas

#### 6.1.1.2 Centralização das vogais

#### 6.1.1.3 Fricativas em posição final

#### 6.1.2 Processos fonológicos

#### 6.1.2.1 A paragoge em Trás-os-Montes

#### 6.2 Aspectos inovadores da variedade lusitana

#### 6.2.1 Ressilabação

#### 6.2.2 Sândi externo na realização diante de nasal final

### CAPÍTULO 7 O léxico do PB e PE como marca identitária e outras discussões

#### 7.1 A tese do conservadorismo do PB e possíveis implicações

#### 7.2 Questões epistemológicas

### CONCLUSÃO

### REFERÊNCIAS

### TOMO II

#### APRESENTAÇÃO

#### ENSAIO VISUAL DE PILAR

#### ENSAIO VISUAL AOS MONTES

#### TRANSCRIÇÕES DOS SUJEITOS PILARENSES

#### TRANSCRIÇÕES DOS SUJEITOS TRANSMONTANOS
APRESENTAÇÃO

"O QUE QUER
O QUE PODE
ESTA LÍNGUA?
[...]
SE VOCÊ TEM UMA IDÉIA INCRÍVEL
É MELHOR FAZER UM CANÇÃO
[...]
A LÍNGUA É MINHA PÁTRIA
E EU NÃO TENHO PÁTRIA; TENHO MÁTRIA
E QUERO FRATRIA
"

(LÍNGUA, CAETANO VELOSO)
As imagens funcionam como ponto de partida para muitos artistas. Tarefa árdua, aprofundar a variabilidade de conceitos que as definem e constituem.

Identifiquei, no campo da criação literária de Calvino (2008), uma maneira de relacionar o texto, por meio de fotografias, a registros de um passado histórico. O escritor italiano revela que na origem de cada um de seus contos existe uma imagem, além de distinguir dois tipos de processos imaginativos: “o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal” (op.cit., p.53).

Assim, este trabalho se ajusta em uma via de duas mãos, como o caminho que vislumbrei após a observação de um painel de azulejos portugueses do século XVIII no claustro do convento de Santo Antônio, em Recife. Tratava-se de uma réplica da torre de Babel, carregada de significados. De fato, nossa língua é um patrimônio de inegável valor, que atesta e ilustra diferentes campos e muitas transformações nas estruturas do poder e da autoridade, sempre presentes ao longo dos séculos de vida histórica. Por esta via, a língua adquire, para a sociedade atual, um estatuto cultural que traz a marca humana dos seus criadores, já desaparecidos, e a de todos que a utilizam. Pela oralidade, a história materializada torna-se presente, pois possibilita o confronto entre o emprego concreto da língua dentro da comunidade que a fala e permite-nos relacioná-la com dados históricos: passado e presente se tocam.

Viagar nesses itinerários entre passado e presente pode ser perturbador. Na realidade, quando se percorre o Brasil, encontram-se, em sua vastidão territorial, várias pronúncias da modalidade brasileira, assim como ocorre em Portugal, por meio de variedades da língua portuguesa: há pronúncias diferentes e, ao mesmo tempo, palavras que só são compreensíveis por quem as maneja com a arte própria do saber popular.

Após um período de adaptação aos costumes, hábitos, cultura e fala lusitanas, plagio Caetano Veloso: “Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Camões”. Entretanto, para além de sentir, acredito que ela encosta, sim, na língua do poeta português. A letra de Língua traz reflexões sobre o idioma português por parte de um artista cujo lugar de fala é o Brasil. Consoante a esta posição, a canção é uma viajem pelos dois lados do Atlântico, pela Lusamérica, para se constituir num coral de vozes e num mosaico de falas.
ENSAIÓ VISUAL:
DE PILAR...

IGREJA NOSSA SENHORA DO PILAR
PILAR DE GOIÁS, BRASIL.
Fonte: arquivo pessoal
(...) Porimzempu, é, essis... garimpêru antigu, porimzempu. Tem até ãu istátua dês ali ó, a hora qui ocês descenu ali tem ua estâtua ali cé podi olhâ. O fundadô da cidade, José Pintu Godoi, um negoçu ãssim. Tá bem na pracinha ali. A época era u siguinti. Tinha muitu iscravu, vamu supó ãssim pela regiào, não sei. Aí eli fala u siguinti, qui lá nu Crixás, ès fala qui a cidadî là é mais véia du que aqui. Incrusivi lá tem até um garimpu agora, só qui é bem organizado né. (Joquim de Neto Lima)

Ah, u primêru nomi deli, era Mata du Papuã. Aí, foi habitadu pelu sinhôr João Pintu di Godois, qui foi u portugueisi qui habitô là. Foi mil’i seticentus i quarenta’e um. Måi u primêru nomi era Mata du Papuã. Qu’era u capim qui tinha là, né. Chama capim pipuã, papuã. (Jovelino Pereira de Brito)
Imagem 3. Placa em homenagem a um dos fundadores das Minas de Papuã, em 1741
Fonte: arquivo pessoal

É, igual tem ali aquela istáuta, cê viu lá dum garimpêru né. Intão aquela estátua ali é dum garimpêru qui vei di Guarinus, vei chegô aqui achô aí fazênu, pesquisanu garimpu coisa, depois igual té hoje tem a rua pra culà qui chama José [ J ] Godois, ai foi prefeito Alvino, eis prefeito que buscô na história e mandô fazê quella istáuta. Intão foi qui descobriu, aqui qui us banderant’, daqui a Guarinus a bêra dus córgu tudo já foi garimpadu. (Seu Luciano)

Essi nomi, naquela épca, era os portugueis né, divia di sê a origi di lá purque tem, és aqui tem u quilômitu, aqui pertu tem u lugar lá qui chama Quilômitu, é duo dus... aond’ tinha a turma di índi, passô u nomi desi. E purai começô a cidadi i foi construinu, foi juntanu genti aqui, ela foi muitu grandi. Aqui és conta pelus antigu, tem úa casa grandona lá im cima, lá morava dozi padri, tinha três advogadu, tinha três miu iscravu, trezi miu iscravu aqui dentu... (Sebastião Ribeiro de Souza)
Imagem 4. Igreja Nossa Senhora do Pilar – reformada pelo IPHAN
Fonte: arquivo pessoal

I agora Nossa Senhora do Pilar é essa daqui, da, da, du centrozim aqui, qui a cidadia num tem é, fala tudu é centru, né qui a cidadia é piquininha né. É essa daqui i a outra é qui vai pra saída [ ] e a Nossa Senhora das Mercês i aqui Nossa Sinhora do Pilar: (Joaquim de Neto Lima)

Aí, tamu’ ai. Na cuversa delis, dus mais velhu qui tinha aqui, aquelis antigu qui tinha aqui, é a primêra casa. Construíu a igreja matriz, pur que a igreja não é aquela lá não, a igreja era ondi é aquelii hospitau, lá é qu’era a igreja. Atráis da igreja ali.(Sebastião Ribeiro de Souza)
Imagem 5. Igreja Nossa Senhora do Pilar – antes da reforma
Fonte: Prefeitura de Pilar de Goiás

Nomi di Pilar pedra, significa pedra. Pu que a imagi, qui tem lá im Pilar, qui é a padruêra di lá, ela foi encontrada im cima da lapa di ôru. Im cima da pedra di ôru, aí és pegaru ela, levô pra lá pra dentu, hoyi aondi é a cidadu, vai daqui da li, i ela fugia, és feiz ũa capelinha pra ela cá i ela fugia ia lá pa cahuêra ond’ês achô ela, ond’ês incontrô ela. Aí tevi um daquelis ambiciosu atento di tirâ a lapa di ôru, mais és já tinha, já tinha feitu a imagi dela, pur çaca qu’ela tava, disaparecia da igreja, aí és feiz imagi dela. Sinhô podi chega lá, a Nossa Sinhora padruêra, a grandi, é im cima dâ..., hoyi é pau qu’ês feiz, num sei si é pau õ pedra, num sei, é im cima dũa lagi quadrada. (Jovelino Pereira de Brito)
(...) A Mercedi é aquela lá pra lá ond’ era a forca. (Sebastião Ribeiro de Souza)

Aquilu ali era õa tamem casa muito grandi, õa casa di porão, imbaixo era quais da artura dissa-qui, porão dela, foi demolida caiu tudu. Lá na frente tinha õa ota qui tinha até um oratóriu nela, caiu. (Sebastião Ribeiro de Souza.

Aquela lá já foi restaurada duas vez pelu istadu, pelu patrimôĩ históricu. (Seu Luciano)
(...) Comecei tocá uas roça ai, mexenu i viranu, é empreitada praguí prali, ai... i to i te hoji. Ai quano foi... i vinti três de agostu di setente novi, tinha um homi lá de Goiâna, Jorjão, trabalava nu patrimô. Ai quieli mi colocô aqui, i tô i. É.

Aí eli mín intregô a casa aqui LIMP A, só, limpa, num tinha nada. Aí eu comecei a pedí us cumpa-nheru, us amigu, um traiz um trem, otu traiz otu, e o quês num traiz qui adoa eu vô atráss, buscu, i vô rumano. (…)

É aí você viu aí no documentu aí a. É::, aqui nu tempu di iscravidão era casa di senhô, [coman-dava] u escravu... Casa de sinhô [comandava] u escravu. (…)

Issai é originali, issai pratrimôi sempri limpa. És sempi vem aqui, limpa, passa, a: gudão, arco, limpa u forru, maiz e a pintura num mexi não, é original’ mesmu. (…)

Uai tem, casa setecentista, casa da princesa. Aí nessi document qui cê tirô memu tem. É o rezistru dela, casa SETENCENTISTA. Quer dizer qui elá é de mil’ setecentus cinquenta. (Antônio Gomes Tição)
Imagem 8. Objetos do museu (Casa da Princesa)
Fonte: arquivo pessoal

Essas vitrini é o pratrimôî qui trazi. Quandu eu tava cum as coisa tudo muntuadu dentu dum sacu, i as espingarda tudo muntuadu, marradu, ai eu falei cum êlis, êlis troxi as vitrina, essas qui tãi. A (nhente) vai arrumamu. (Antônio Gomes Tição)
Issai é originali, issai pratimôi sempri limpa. És sempi vem aqui, limpa, passa, a: gudão, arco, limpa u forru, maiz e a pintura num mexi não, é original’ mesmu. (Antônio Gomes Tição)
(...) Elis conta que essa casa aqui, ela foi feita a primeira casa qui foi construída aqui. Época dessas paredes de pedra e quadro de pau, o nome dela é inchamel. É tem essa aqui i parece que Õru Pretu. São essas duas casas qui existem. É tanto qui quando ela tava cainu, a Iris Resendi veiu aqui, aí o prefeito falou que eu ia desmanchar ela, que eu num dava conta de arrumá, era grande demais, eu ia fazer de tijolo, ia fazer uma mais piquena, aí eli foi e falou que eu num mexeu nada, mexi não que eu avê niga qui nois podí fazer aí com sessenta dia, eli escreveu uma carta para prefeito, qui num mexeu nada, quando u Maguitu tomou posse, qui eli ia consigo jeitu de arrumá ela. Aí quando u Maguitu tomou posse primeiro serviçu qui ês fez foi arrumá ela aqui. Aí fez ela nu jeitu, eu já tinha feito esse barracão pra baixu aqui, aqui não, lad’ daquela cantú pra baixu aqui tudo é da casa véia, i ela ia até muito dentu. Aí ela foi cainu. Pod’trazê. (Sebastião Ribeiro de Souza)
Imagem 11. Casa do seu Nêgo antes da reforma
Fonte: Prefeitura de Pilar de Goiás
Imagem 12. Praça das Mães

_Uai, aquela é... ũa representa us iscravu, a mãe preta i a ota representa a rainha, a mãe branca, representa aqu’ês povu branco, [comu chama] sinhora dama, i hoji a genti fala priméra dama nê, naqueli tempu era sinhora di [ ] ricu, um povu ricu. Intão, tem a mãe preta i a mãe branca._

(Jovelino Pereira de Brito)
Aquela água, aquela foi tirada pelos escravos. É, aquela foi tirada pelos escravos, ela HOJI, és já mudou muito e isquema nela. Mais ela vinha num canal de pedra, quanu tirô ela lá i cima na serra, desceu régas fundu, ai feiz u régas de pedra, carcadim, agora quando a água [ ] correnu es vei cuas lagu tampô, tampa, ai joga terra em cima, tampa. Cê pode andá, pode plantá coisa, eu trabaiei muito lá. Quanu enchia di RAÍZI, a [nhenti] IA limpava, cum inchada, inchadão, tirava a terra di cima, tira aquel’s pedra, aí limpa aquel’ trechu, vai di trechu i trechu até limpá u régas tudu, ai dipois és muduru, hoji és puzeru canu. Mais è a água vem incanada, vem da serra. (Antônio Gomes Tição)

(...) Então essa água do chafarizi, ela curria di rua abaxu i ia descê lá ondi qué a porta du ex-prefeitu, u Vartecu. Discia nu mei da rua, u carçamentu era assim, intão a água discia nu mei da rua. Cada um fazia um poçim na sua porta, lavava as mãos, quessa água aí, cêis passô lá nu chafarizi viu né, aí ela discia nu mei daquela rua. (Seu Luciano)

(...) Chafariz era bonitu (?) eu quando criança índa lembru [ ]. Eu era criança i lembru da água correnu pa rua afora, eu brincava na água, né. Intão, já sufrí muita marcação assim, fui acidentad’ di carru, quais rachei a cabeça, mais eu lemb’ d’ muita coisa ainda du Pilar, né. (Seu Luciano)
Imagem 14. Muro dos Escravos
Fonte: arquivo pessoal

Da cidad, aqui a redô, tem sinal di tapera todu ladu aqui, aquês murão di pedra aondi era senza-ra ainda tem, essi... essi Carlão purinzempru, eli anda dimais ai nas mata, eli conheci muitu lugar di tapera véia, qui era nu tempu do iscravidão aqui. (Sebastião Ribeiro de Souza)

Issé devoção né. Mais u nomi da rua era essis nomi né. Mais cada rua tinha úa santa qui u povu, qu’ês pegava naqueli tempu, cada més era uma né, dezembru di Nossa Sinhora da Conceição… (Antônia Leopolda dos Santos)
Imagem 16. Rua antiga de Pilar
Fonte: Prefeitura de Pilar de Goiás

É. U carçamentu era feit’ di pedra, né. Intão já feitu di acordu assim tipu d’u-canãletu nu meu, ondi a água passava. Intão as rua era limpa uma vês pur anu pra passá a proc’ssão di São Sebastião, dia vint’ di janêru, né. Intão era municipi di Itapaci. Aqui tinha um sub-prefeitu, é qui pagava pra ai us garotu pra roçá, cortá u são caetanu lá, qui é um cipó ocêsis num conheci, né. Cortá dipois p’á limpá rua pra podê passá a proc’ssão (Seu Luciano).

Quandu eu mi entendi pur genti, Pilar já era um fracassu. Ih, prestava não. As casa tudo feia, tudo vermeia, tudo iscorada di pau, povu era aqueli... aqueli tiquim di povu, ficava lá, piqenu mesmu. Pilar foi um lugar qui tevi, quais liguau iu a vela acesa. (Jovelino Pereira de Brito)
Imagem 18. Seu “Caquim”  
Fonte: arquivo pessoal

_Eu só nascidu e criadu aqui. (…)_

Não, aqui acontece é u seguinti, nu tempu no, meu porizempu mais a afastadu, nós usava assim, num tinha lá ondi sai, nem nada, não tinha diversão num tinha nada, ai juntava us grupim nu centu da cidadi, né. I batê papu, contá historinha, algúa coisa assim, né. Um tipu de mintirinha, cada um inventava ùa coisa pra falá, ninguem tinha certeza di nada, a num sê aque'as pessoa mais [lar] mais véia qui a genti ouvia ùa historinha, qui hoji, né difícil da genti... (Joaquim de Neto Lima)
É bom conversar do passado de Pilar, né (...) 

É, minha mãe levou daqui eu tava dentu dos sete anos, levou pra lá. Ai fomu pa colônia agrícola, ficava ai nesso mês, abaxu di Ceres, ai eu voltei praqui dentu di [ônis], foi jún di quarenta seti. Is-saqüi era criança. Fiquei purai, ai fui morar cum a minha vó, depoi minha vó faleceu in cinquente três, ai eu parei di istudá i só fiz u quartu anu primáriu. Ai fui pa casa du zótu, pa casa di parenti trabalhá, serrá madera braçuau, na serra di braçuau, lavrá di machadu, cava chuck pa fazê alicerci pra [casa] quê u maridu da minha prima era construí oí né, eu fui trabalhá cum eli, ai parei di estudá. Fiquei só nu quartu anu primáriu né. Ai, depois fui morar sozim, fiz um barraco di tába, depois in cinquentei novi eu mi casei, seis di setembru di cinquentei novi. Ai convivi cua mulher até dez di setembru di dois mil e quatu... Então hoje, eu sintu assim, eu só ua pessoa humildi, toda vida fui du trabal, fui da lavóra, eu trabaiei di carpintêru, pedrêru, pintor di letêru tudo eu trabalhei, né. Fui pra lavóra. Então sempre assim ua pessoa num sintu inútil, né, nu Pilar. Cada coisinha vem, ah vai lá nu Luciano, pã arrumá ua sombrinha, pã arrumá quarrê coisinha, fazê um fornu pa assá biscoito, coisa. E mesmo na idadi quin eu isto, né. (Seu Luciano)
Não, aqui quond’ discobriu aqui, tem uns qui [   ] u Pilar num tem a históra du começu p’que u povu num interessava. U pilarense tem issu, u pilarensu daqui, u pilarensu mesm’ di, pilarensu mesmu és num gosta.

Cabei ca minha saúde na prefetura, arrebentei todim, p’que eu era, eu toda vida fui muitu di op-nião i sistemáticu. Serviço que às veis era di dois fazê eu fazia sozim. Quando eu fiz essa estrada aqui na serra, quando cê passava lá, cê é doidu, eu i mais um cumpanhêru i um mininu qui era u cozinhêru. Nós pegava seis hora da manhã largava oitù hora da noiti, ganhanu por dia, na épca, era dinhêru dimais, era quinz’ cruzeiru por dia, im cinquenta’e dois, era dinhêru dimais. (Sebastião Ribeiro de Souza)
Ensaio Visual:
... aos Montes

Casa em Lamas de Olo
Distrito de Vila Real. Trás-os-montes, Portugal.